

Gratidão a Salvador Célia

Querido Salvador, não há motivos para eu não te chamar de querido agora e aqui e tampouco deixar de falar contigo. Sempre falavas com a vida e para mim chamavas teus mortos de teus vivos. Passei a chamar os meus também, minha querida irmã Lêda, meu guru Paulo Hecker, meus avós, meus dois cachorros. Agora, és meu vivo também como sempre foste. Sei que também continuarão falando contigo tua mulher, teus irmãos, teus pacientes, teus sobrinhos, teus amigos. Eu continuarei, não pretendo abrir mão deste privilégio que a vida me concedeu e agarrei. Mas, agora, aqui contigo, só posso falar por mim. Mas tenho certeza de que esta fala representa pelo menos um pouco dos que sempre adoraram falar contigo. E ouvir-te. Também continuarei te ouvindo. Continuaremos, Salvador, já salvos pelo encontro contigo e apesar da dor deste desencontro prolongado.

Triste, mas também gozado. A gente disse – ou não disse, pouco importa – que éramos o corpo e a voz. Assim denominamos a nossa interação, palavra que sempre cuidaste. Porque sempre foste um grande fazedor, eu um pequeno. E sempre fui um grande contador, e tu nem tanto, não tinhas tempo, estavas fazendo. Ou tanto porque um de teus maiores ensinamentos, entre tantos que agora me ocorrem, era este: não dá? Busca ajuda. Somos também o outro, a mãe, o pai, o amigo, a comunidade, eram teu bordão, tua máxima, teu carro-chefe.

Levei-os a sério. Sempre te levei a sério, por isso brincávamos tanto. E eu sempre busquei a tua ajuda. Fui aluno, depois colega e amigo, mas, nas entrelinhas destes papéis provisórios que a vida nos oferece, eu ia sempre aprendendo contigo. Aprendi muito, Salvador. Aprendi, por exemplo, a tentar, a fazer, a parar um pouco de contar e ir lá mesmo onde as gentes e as vidas pulsam. E sei que toda vez que me pedias para eu contar uma de nossas histórias (aquelas que mais fazias e eu mais contava), não te encolhias para pedir: Conta, conta aquela. E eu contava e eu ia contando e escrevendo, escrevendo e contando. A da França, a de Santa Cruz, a do Rio. E a do helicóptero. Tantas histórias, Salvador. E como és um grande transmissor de tudo que é bom, também transmitiste este desejo a tua mulher e teus irmãos. Eles andam como tu, Salvador, toda hora pedindo para eu contar. E eu ando como nós, contando e escrevendo, escrevendo e contando.

A história do helicóptero merece atenção especial. Sim, quase morremos juntos naquele aeronavezinha que enfrentou uma tempestade entre Nice e Mônaco. Tudo era verdade, as rajadas de vento, o suor do piloto, a frieza do colega canadense (que continuou impávido fazendo seu paper). Mas, lá pelas tantas, numa das tantas versões que refazíamos, nos encontros desta vida, piscaste os olhos discretamente para mim, estimulando-me a acrescentar alguns detalhes que existiram sim, mas só na tua cabeça. Por exemplo, o de que o mar respingava na janela. Ou a aeronave era arrastada pelo menos duzentos metros sobre as águas revoltas do Mediterrâneo. Querido amigo, nós sabíamos no fundo que o mar nunca respingou na janela nem o arrastão foi de duzentos metros. Mas passamos a vida insistindo nestes detalhes e aqui está outro de teus grandes ensinamentos.

Iludir não é mentir. Imaginar não é mentir. Criar não é mentir. E a vida só vale a pena se puder ser inventada e reinventada o tempo todo. Isto sim é saúde mental. O apego – outro de teus grandes ensinamentos – com meus pais já havia sido preparado Mas andava preso e, sobretudo, dissociado da psiquiatria. Tu libertaste, tu soltaste, tu me ensinaste que cheguei à psiquiatria já um tanto psiquiatra porque eu sabia inventar. Salvador, eras um inventor, ou melhor, um soltador de invenções que cada um de nós trazia represadas. E quantas destas soltaste em tua família, teus pacientes, teus

amigos. Foste e serás sempre um defensor do presente, do momento, do instante, da vida. Isto sim é saúde mental. E não vás pensando que tem aqui uma idealização, porque tens sim os teus defeitos. És um ciumento de marca maior, mas, mesmo aqui, meu caro amigo, nos ensinaste porque reconhecias com humildade e sabedoria dizendo com aquela tua voz paterna: tou com ciúmes, sim, de tu trabalhares com ele. Contigo, Salvador, também aprendi a aceitar os meus defeitos. E eu também sou ciumento.

Em meio a estas histórias, pensei: aí está. Nosso amor – prefiro chamar de amor algo que não sei se é sentimento de filho, aluno, amigo, e desconfio de que seja de tudo isso junto – pois bem, nosso amor teria começado quando fui teu aluno e me alcançaste um livro que mudou a minha vida. E olha que tantos livros já tinham passado por mim. Mas este foi decisivo. Eram os espaços lúdicos de teu amigo Pavlovski, contando onde nasce uma saúde mental e dizendo que ela nasce na infância, entre amigos brincando. Desde então, nunca mais desperdicei uma brincadeira. E como brincamos, e como és capaz de brincar.

Mas eu estava errado, Salvador, não foi ali que o nosso amor começou. Porque há uma história que eu nunca te contei, mas vou te contar agora, prepare-se, ela é forte, tão forte que nem precisarei recorrer a um de nossos exageros, vou contar como ela é, sem exageros de ilusão.

Eu tive um grande amigo na infância. Ele era considerado meio feio, meio burro, meio abobado. Com o tempo, foi ficando bonito, inteligente, nada abobado. Eu me orgulho desta amizade que começou quando eu tinha seis anos e, como a nossa, não vai acabar nunca. Esta amizade foi a minha primeira psicoterapia.

Há uns dois meses reencontrei este amigo. Contento, amando, trabalhando, inventando. Voltou a ficar meio feio, mas agora a culpa é do tempo que lhe branqueou os poucos cabelos que restaram e fez o nariz cair um bom bocado. Tudo bem, o meu também está caindo, é da vida e é da morte. Mas o olhar, Salvador, continuava aquele que tornou-se lindo depois de ter sido feio durante uma parte da infância.

Mas não é isto o que eu quero te contar. Quero te contar que, entre um gole e outro de um vinho lembrador, ele me disse o seguinte:

- A minha infância não foi legal. Mas dois encontros me salvaram o futuro: a minha amizade contigo e o meu tratamento.

Eu rebati: Ah é, tu te tratavas?

- Desde os 5 anos, ele respondeu.

Não preciso contar com quem ele, né, Salvador?

Eu tinha uns seis anos e era amigo dele. Tu tinhas uns 30 e o tratava, quer dizer, fazia com ele o que fizeste com todos nós: ensinava-o a reencontrar a beleza, a inteligência, a vivacidade, a vida, o gosto de estar com os outros. Por isso a morte pouco tem a ver contigo e por isso continuaremos conversando como grandes amigos.

Pois bem, querido Salvador, obrigado mais uma vez pela atenção, e é isto que eu queria te contar. Nossas vidas se cruzaram, sem eu saber, desde a minha infância. E um amor de infância – ensinaste bem a todos nós – é eterno. Por ora, muito obrigado, mas voltarei para mais histórias. Um grande beijo e me aguarde.